

APOTEOSE DOS SENTIDOS NA OBRA HISTÓRICA DE GILBERTO FREYRE.

Francisco José Alves.

(Departamento de História e Mestrado de Sociologia da UFS).

Gostaria de focar a obra historiográfica de Gilberto Freyre (1900-1986), destacando um aspecto que, talvez, tenha passado despercebido aos muitos exegetas que se debruçaram sobre os seus textos de síntese histórica.

Tratarei do papel dos sentidos na obra de Gilberto Freyre. O autor de *Casa Grande e Senzala* (1933) aborda o passado brasileiro numa leitura onde os cinco sentidos tem uma importância capital. A *demarche* de GF se caracteriza por uma apreensão muito peculiar da nossa realidade. Nela, visão, audição, gesto, tato e olfato são componentes essenciais. A historiografia de GF não se restringe à inteligência. Todos os sentidos se irmanam para produzir uma visão multifacetada do passado brasileiro.

Edson Neri da Fonseca, tarimbado intérprete da obra de Gilberto Freyre, observou que certo artigo do mestre estava “impregnado de apelos visuais, olfativos e táteis...”¹ Na verdade os apelos sensitivos são uma constante na obra de Gilberto Freyre. Trata-se de um traço estilístico e cognitivo que perpassa o conjunto da sua vasta produção de polígrafo.

Nesta característica, ecoa o desenhista e o poeta presente no mestre recifense. A poesia e o desenho lhes abrem outros canais de apreensão do passado pátrio.

Por conta da sua percepção muito sensual, Gilberto Freyre produz uma historiografia que destaca não somente os aspectos visíveis da realidade histórica, mas também outras dimensões captadas pelos outros sentidos comumente desconsiderados pelos historiadores. Gilberto Freyre escapa ao oculismo tão costumeiro na tradição intelectual ocidental. Sua abordagem é polifacetada. Contra o achatamento decorrente do reducionismo oculista, Gilberto Freyre constrói uma obra capaz de dar conta de muitas facetas da realidade histórica.

Às vezes a percepção sensualista do autor descamba em pura sinestesia. É o que ocorre no artigo-crônica “Bahia à tarde” (1926). Nele, Gilberto Freyre fala do ar da capital baiana como “mole”, “oleoso”, “lúbrico”. As igrejas, por sua vez, são “gordas” ou “matriarcais”. Notem que o autor vale-se daquilo que os teóricos da literatura chama “impertinência predicativa”, ou seja, atribuir ao substantivo um predicado não usual, surpreendente. É o que ocorre no caso acima. A gordura, atributo peculiar aos animais, é associada a um ser inanimado, uma igreja. Aqui a ciência confunde-se com a poesia. Mais uma ousadia intelectual de Gilberto Freyre...

A vivacidade das imagens na historiografia de Gilberto Freyre se deve talvez a sua experiência com as artes plásticas, especialmente o desenho. O historiador cultivou esta forma artística ao longo da vida.

Numa página evocativa escrita em 1951 ele declara: “*O que sei é que continua a haver dentro de mim, secretamente colaborando com o escritor que eu pretendo ser, um aprendiz da arte do desenho que não se cansa de procurar reduzir à imagem suas sensações e até suas idéias.*”²

Enquanto outros historiadores restringem sua apreensão do passado ao canal da visão, Gilberto Freyre pratica uma escrita histórica de corpo inteiro. Tato, olfato, gosto e audição são vias abertas por onde passam uma historiografia de marcado feitio sensual. Somente um sensual como Gilberto Freyre poderia apreender de modo tão vívido as experiências de gerações passadas. Os cinco sentidos aguçados abrem a possibilidade de inaugurar uma obra singular na tradição historiográfica brasileira. Se cada historiador escreve o passado a sua imagem e semelhança Gilberto Freyre, pela sua condição de assumido *sensual*, só pode nos oferecer uma história com as tintas vivas do *sensualismo*.

Casa Grande e Senzala jamais poderia ser escrita por um asceta. Faltava ao asceta a sensibilidade aberta para perceber os cheiros, os gritos, os odores do regime escravista. Ao renunciante escaparia o húmus humano da escravidão. Do mesmo modo, tal obra não sairia da pena de um puro racionalista. Falta a ele abertura para aquelas dimensões que estão além da racionalidade. Falta-lhe coração... A escravidão na pena de um cartesiano é um organograma elegante, mas vazio de sangue.

Prefaciando *Ordem e Progresso* (1957), último livro da trilogia famosa, Gilberto Freyre revela muito do seu método sensual de fazer historiografia. Ouçamo-lo: “*Foi ouvindo [os antigos senhores de engenho], visitando suas casas antigas, seus sobrados velhos, escutando o som fanhoso dos seus pianos de cauda, dos seus bandolins, das suas flautas há anos silenciosos, acariciando bonecas outrora louras e brinquedos arcaicos da meninice (...) que conseguimos nos contagiar do ambiente predominante patriarcal que eles viveram...*”³

Quase todos os sentidos são acionados pelo autor para fazer reviver uma época passada. Foi vendo, ouvindo, acariciando e até mesmo cheirando que Gilberto Freyre pode fazer ressuscitar o passado patriarcal do Brasil. Só a visão não bastava, era preciso agregar outros canais da percepção sensual.

Escrever a história, para o autor de *Casa Grande e Senzala*, é uma experiência de corpo inteiro, de sensibilidade e intelecto. Estamos distantes do historiador convencional que se contenta apenas com a frequência aos arquivos. Gilberto Freyre quer captar o passado no seu polimorfismo e, para tal, vai ao encalço de todos os vestígios que possam ajudá-lo na “ressurreição integral” das épocas mortas. Importa-lhe o homem em sua totalidade.

A decifração do Brasil exige um misto de cientista e poeta. Gilberto Freyre reúne em si estas duas personalidades. Sua leitura do passado pátrio é uma feliz combinação dos rigores do cientista com as intuições do poeta.

O geometrismo cartesiano se funde com uma sensibilidade aguçada que beira os píncaros da pura intuição poética. Michel Foucault (1926-1984) dizia, certa feita: “*Para falar da loucura seria preciso ter o talento de um poeta.*”⁴ Talvez o mesmo se possa dizer do Brasil. Como, sem o engenho da poesia, *decifrar* o *ethos* brasileiro com seus paradoxos e seus excessos? Como dar conta do oxímoro histórico que é a sociedade brasileira? Só mesmo alguém que transite entre o universo do sonho e os rigores da vigília.

Em Gilberto Freyre a apreensão poética da realidade histórica não é uma defecção do espírito científico em moldes cartesianos. A ele se aplica aquilo que escreveu, num momento inspirado, o sociólogo galo-brasileiro Roger Bastide (1898-1974): “... *a poesia não é traição, mas vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa*”.⁵ Com o espírito de artista, Gilberto Freyre quis captar as fibras mais fundas da alma brasileira. Ele foi exitoso na sua aventura sócio-poética. A consagração da sua obra atesta isto de modo inequívoco.

O mestre de “Apipucos” tinha consciência de que a escrita histórica exigia a reunião de dotes científicos e artísticos. Ele confessa num prefácio de *Nordeste*, obra de 1937, que concebeu o livro “*dentro do critério de ciência alongada em arte e mesmo em poesia...*”.⁶

Para Gilberto Freyre, a ciência não é inimiga da arte. Mas ambas se complementam. Foi como um misto de cientista e poeta que ele repudiou a “neutralidade ortodoxamente científica”. Em Gilberto Freyre a ciência se alonga em poesia. A ousadia fez ranger os dentes dos adeptos do objetivismo científico de todas as confissões e matizes. E crucificaram o historiador nascente...

Gilberto Freyre erige o sensualismo como método de inteligência historiográfica. Ao invés do puro intelecto, uma razão permeada pelos sentidos. Uma abordagem policêntrica. Aberta pelos diversos meios de apreensão do universo exterior. É como auditivo, gustativo, olfativo e tátil que ele capta os diversos aspectos do passado brasileiro, remoto ou próximo.

Foi munido de uma inteligência sensual que o historiador escreveu uma versão clássica da História-Pátria. Prova disto é que, recentemente um grupo de intelectuais brasileiros elegeu *Casa Grande e Senzala* como o primeiro dentre os 10 livros mais importantes sobre o Brasil.⁷

Notas:

¹ FONSECA, Edson Neri. “Apresentação”. In: FREYRE, Gilberto. *Bahia e Baianos*. Salvador: EGB, 1990. p. 7-11, citação p. 8.

² FREYRE, Gilberto. “Telles Júnior, mestre de desenho e pintura da mata pernambucana”. *Pessoas, Coisas e Animais*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. p. 63-73. Cita p. 63.

³ FREYRE, Gilberto. Prefácio [1957]. *Ordem e Progresso*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. XIX-XXIII, citação p. XX.

⁴ Apud: ERIBON, Didier. *Michel Foucault: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 117.

⁵ BASTIDE, Roger. “A propósito da poesia como método sociológico”. *Sociologia*. Org. Maria Izaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Ática, 1983. p. 81-87. Citação p. 87.

⁶ FREYRE, Gilberto. Prefácio à edição espanhola [1943]. *Nordeste*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 25-29.

⁷ “Os dez ‘mais’ brasileiros”. *Folha de São Paulo*, SP, 11 abril 1999. Caderno Mais.